

Thomas Mann

A montanha mágica

Tradução
Herbert Caro

Revisão da tradução e posfácio
Paulo Astor Soethe

PRÊMIO  NOBEL
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1924 by S. Fischer Verlag, Berlin
Copyright © renewed 1952 by Thomas Mann
Copyright do posfácio © 2016 by Paulo Astor Soethe

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor
no Brasil em 2009.*

Título original

Der Zauberberg

O texto desta edição foi estabelecido a partir
da *Große kommentierte Frankfurter Ausgabe*,
publicada pela S. Fischer Verlag em 2002

Capa e projeto gráfico

RAUL LOUREIRO

Crédito da foto

ULLSTEIN BILD VIA GETTY IMAGES

Preparação

ISABEL LOPES COELHO

Revisão

HUENDEL VIANA

CLARA DIAMENT

Tradução dos trechos em francês

ROSA FREIRE D'AGUIAR

Tradução dos trechos em latim

CAETANO GALINDO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mann, Thomas, 1875-1955.

A montanha mágica / Thomas Mann; tradução

Herbert Caro ; revisão da tradução e posfácio Paulo Astor
Soethe. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Título original: Der Zauberberg.

ISBN 978-85-359-2820-4

I. Ficção alemã I. Soethe, Paulo Astor. II. Título.

16-07279

CDD-833

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura alemã 833

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

Propósito 11

I

A CHEGADA 13

N^o 34 20

NO RESTAURANTE 24

II

DA PIA BATISMAL E DAS DUAS FIGURAS DO AVÔ 30

DA CASA DOS TIENAPPEL E DO ESTADO MORAL DE HANS CASTORP 40

III

ENSOMBRAMENTO PUDICO 50

DESJEJUM 53

BRINCADEIRA DE MAU GOSTO. VIÁTICO. HILARIDADE

INTERROMPIDA 60

SATANA 70

SUTILEZA DO PENSAMENTO 80

UMA PALAVRA DE MAIS 86

UMA FÊMEA, NATURALMENTE! 90

O SR. ALBIN 95

SATANA FAZ PROPOSTAS DESONROSAS 98

IV

- COMPRA NECESSÁRIA 111
EXCURSO SOBRE O SENTIDO DO TEMPO 121
HANS CASTORP FAZ UMA TENTATIVA DE CONVERSAÇÃO
EM FRANCÊS 125
POLITICAMENTE SUSPEITA! 130
HIPPE 136
ANÁLISE 146
DÚVIDAS E PONDERAÇÕES 153
CONVERSAS À MESA 157
TEMOR NASCENTE. DOS DOIS AVÔS E DO PASSEIO DE BARCA
AO CREPÚSCULO 165
O TERMÔMETRO 187

V

- SOPA ETERNA E CLAREZA REPENTINA 213
“MEU DEUS, EU VEJO!” 236
LIBERDADE 254
CAPRICHOS DE MERCÚRIO 261
ENCICLOPÉDIA 273
HUMANIORA 290
PESQUISAS 308
DANÇA MACABRA 330
NOITE DE WALPURGIS 370

VI

- TRANSFORMAÇÕES 399
MAIS ALGUÉM 425
DA CIDADE DE DEUS E DA REDENÇÃO PELO MAL 447
IRASCIBILIDADE. E MAIS UMA COISA MUITO
CONSTRANGEDORA 475
ASSALTO RECHAÇADO 489
OPERATIONES SPIRITUALES 506
NEVE 538
COMO UM SOLDADO, COMO UM VALENTE 573

VII

PASSEIO PELA PRAIA	622
MYNHEER PEEPERKORN	630
VINGT ET UN	640
MYNHEER PEEPERKORN (CONTINUAÇÃO)	661
MYNHEER PEEPERKORN (FIM)	708
O GRANDE TÉDIO	722
ABUNDÂNCIA DE HARMONIA	735
COISAS MUITO QUESTIONÁVEIS	756
A GRANDE IRRITAÇÃO	789
O TROVÃO	816

Posfácio a várias mãos 829
Paulo Astor Soethe

Cronologia 843

Sugestões de leitura 847

PROPÓSITO

Queremos narrar a história de Hans Castorp, não por ele (a quem o leitor em breve conhecerá como um jovem singelo, ainda que simpático), mas pela história em si, que nos parece em alto grau digna de ser narrada (e cabe dizer a favor de Hans Castorp ser esta a história *dele*, já que não é a qualquer um que cada história acontece): esta história já se passou há muito tempo, está recoberta, por assim dizer, pela pátina do tempo e deve ser relatada, incondicionalmente, na forma do passado mais remoto.

Isso talvez não seja desvantagem para história alguma, mas vantagem; é necessário que as histórias já se tenham passado, e quanto mais mergulhadas no passado, caberia dizer, melhor corresponderão à sua qualidade essencial de histórias, e mais adequadas serão ao narrador, esse mago que evoca o pretérito. Acontece, porém, com a história o que hoje também acontece com os homens, e entre eles, não em último lugar, com os narradores de histórias: ela é muito mais velha que seus anos; sua vetustez não pode ser medida por dias, nem o tempo que sobre ela pesa, por revoluções em torno do sol. Numa palavra, não é propriamente ao *tempo* que a história deve o seu grau de antiguidade — e o que se pretende com essa observação feita de passagem é aludir e remeter ao caráter problemático e à peculiar duplicidade desse elemento misterioso.

Mas, para não se obscurecer de modo artificial um estado de coisas claro em si, seja dito que a idade sumamente avançada de nossa história provém do fato de ela se desenrolar *antes* de determinada peripécia e de certo limite que abriram um sulco profundo nas vidas e consciências dos homens... Ela se desenrola ou — não avancemos com o uso

do presente — ela se desenrolou numa época transata, outrora, nos velhos tempos, naquele mundo de antes da Grande Guerra, cujo deflagrar marcou o começo de tantas coisas que ainda mal deixaram de começar. Antes, pois, é quando ela se desenrola, se bem que não muito antes. E não será o caráter de antiguidade de uma história tanto mais profundo, perfeito e maravilhoso, quanto mais próxima do presente, quão menos “antes”, ela se desenrolar? Bem pode ser que sob outros aspectos a nossa história, por sua natureza intrínseca, tenha cá e lá algo em comum com os contos maravilhosos.

Narrá-la-emos pormenorizadamente, com exatidão e minúcia — pois desde quando a natureza cativante ou enfadonha de uma história depende do espaço ou do tempo que exige? Sem medo de sermos acusados de meticulosidade, inclinamo-nos, pelo contrário, a opinar que realmente interessante só é aquilo que tem bases sólidas.

Não será, portanto, num abrir e fechar de olhos que o narrador terminará a história de Hans. Não lhe bastarão para isso os sete dias de uma semana, tampouco serão sete meses, apenas. Melhor será que ele desista de computar o tempo que decorrerá sobre a Terra enquanto essa tarefa o mantiver enredado. Decerto não chegará — Deus me livre — a sete anos!

Dito isso, comecemos.

A CHEGADA

Um jovem singelo viajava, em pleno verão, de Hamburgo, sua cidade natal, a Davos-Platz, no cantão dos Grisões. Ia de visita, por três semanas.

Mas de Hamburgo até essas alturas a viagem é longa; demasiado longa, na verdade, para uma estada tão curta. É preciso atravessar diversos estados, subindo e descendo, do planalto da Alemanha meridional até a beira do lago de Constança, cujas ondas saltitantes são transpostas de navio, por sobre abismos outrora considerados insondáveis.

Dali adiante, a viagem, que até esse ponto avançava rapidamente, quase em linha reta, desenreda-se. Há delongas e complicações. Na localidade de Rorschach, já em território suíço, volta-se ao amparo da viação férrea; mas logo não se vai além de Landquart, pequena estação alpina, onde é preciso fazer baldeação. É um trem de bitola estreita o que ali se toma depois de prolongada espera numa paisagem varrida pelo vento e desprovida de encantos. No instante em que se põe em movimento a locomotiva de pequeno porte, mas de extraordinária força de tração, começa a parte deveras aventureira da viagem, uma escada brusca e penosa que parece não ter fim. A estação de Landquart situa-se a uma altura moderada. A partir dela, porém, adentra-se pelas montanhas, por uma estrada rochosa, áspera, angustiante.

Hans Castorp — eis o nome do rapaz — estava sozinho num pequeno compartimento almofadado em cinza, onde também se encontravam sua maleta de couro de crocodilo (presente de seu tio e pai de criação, o cônsul Tienappel, cujo nome convém mencionar desde já), bem como o casaco de inverno, a balouçar suspenso num gancho, e o

cobertor de viagem enrolado. Estava sentado junto à janela aberta, e, como a tarde se vinha tornando cada vez mais fresca, levantara — rapaz mimado e franzino que era — a gola do sobretudo de verão, forrado de seda e de corte amplo, ao gosto da moda. A seu lado, no assento, jazia uma brochura intitulada *Ocean Steamships*, na qual Hans Castorp, durante as primeiras horas de viagem, de vez em quando lançara um olhar; agora, porém, o livro permanecia ali abandonado, enquanto o hálito da locomotiva arquejante, ao entrar pela janela, salpicava-lhe a capa de partículas de carvão.

Dois dias de viagem apartam um homem — e especialmente um jovem que ainda não criou raízes firmes na vida — do seu mundo cotidiano, de tudo quanto ele costuma chamar seus deveres, interesses, cuidados e projetos; apartam-no muito mais do que esse jovem podia imaginar enquanto um fiacre o levava à estação. O espaço que, girando e fugindo, roja-se de permeio entre ele e seu lugar de origem revela forças que se costuma julgar privilégio do tempo; produz de hora em hora novas metamorfoses íntimas, muito parecidas com aquelas que o tempo origina, mas em certo sentido mais intensas ainda. Qual o tempo, gera esquecimento; porém o faz desligando o indivíduo das suas relações e pondo-o num estado livre, primitivo; chega até mesmo a transformar, num só golpe, um pedante ou um burguesote numa espécie de vagabundo. Dizem que o tempo é como o rio Lete; mas também o ar de paragens longínquas representa uma poção semelhante, e seu efeito, conquanto menos radical, é mais rápido.

Hans Castorp ia passando por experiências análogas. Não tivera a intenção de levar essa viagem muito a sério nem de entregar-se totalmente a ela. Propusera-se liquidá-la depressa, porque tinha que ser feita, depois regressar para casa tal como partira, e retomar sua vida anterior exatamente no ponto em que a abandonara por um instante. Ainda ontem se movimentara dentro do costumeiro círculo de ideias; ocupara-se com os acontecimentos mais recentes — seu exame de conclusão — e com o futuro imediato — sua entrada na vida prática, como funcionário da firma Tunder & Wilms (Estaleiros, Fábrica de Máquinas e Caldeiras). Com a máxima impaciência que seu temperamento lhe permitia, procurara olhar para além das três semanas vindouras. Nesse momento, porém, parecia-lhe que as circunstâncias exigiam dele plena atenção, não lhe sendo lícito menosprezá-las. Essa sensação de ser alçado a regiões cujos ares nunca respirara, e onde, como sabia, reinavam condições de vida particularmente rarefeitas e reduzidas, a que em

absoluto não estava acostumado — essa sensação começava a excitá-lo, a enchê-lo de certa angústia. O torrão natal e a rotina de sempre haviam ficado não somente para trás, muito para trás, mas sobretudo a grande profundidade abaixo dele; e a ascensão continuava a afastá-los mais ainda. Pairando entre eles e o desconhecido, Hans Castorp perguntava-se como passaria lá em cima. Será que não seria imprudente e prejudicial a ele, que nascera poucos metros acima do mar e se habituara ao ar da sua terra, deixar-se transportar tão subitamente a esses sítios extremos, sem pelo menos se demorar por alguns dias num lugar de altitude média? Ansiava por chegar ao fim da viagem; pois, uma vez lá em cima — pensava —, devia-se viver como em toda parte, sem que lhe fossem recordadas, como agora, durante a escalada, as esferas impróprias em que se encontrava. Hans Castorp olhou janela afora: o trem serpenteava, sinuoso, através de um desfiladeiro estreito. Viam-se os primeiros vagões, via-se a locomotiva vomitando, no seu esforço, golfadas de fumaça parda, esverdeada e negra que logo se dissipavam. Nas profundidades, à direita, murmuravam cursos d'água; à esquerda, pinheiros escuros buscavam por entre os rochedos as alturas de um céu cinzento como pedra. Túneis tenebrosos iam desfilando, e quando reaparecia a luz, rasgavam-se dilatados abismos com povoados em seu fundo. Fechavam-se os abismos, vinham logo a seguir novos desfiladeiros com restos de neve nas gretas e fendas. Havia paradas diante de casinhas miseráveis de estações pequenas; e de estações sem saída em frente, o trem partia em direção oposta, o que produzia um efeito desnorteante. Panoramas grandiosos do universo de cumes alpinos abriam-se de repente, um amontoado fantasmagórico e solene que se procurava alcançar e galgar, para logo no próximo meandro da estrada subtraírem-se ao olhar reverente. Hans Castorp notou que deixara para trás a zona das árvores frondosas e, se não se enganava, também a dos pássaros canoros. Essa ideia de cessação e empobrecimento fez que ele, acometido de um ligeiro acesso de vertigem e mal-estar, cobrisse por dois segundos os olhos com a mão. Mas isso passou. Viu então que terminara a ascensão; estava vencido o ponto culminante do passo. No fundo plano de um vale o trem agora corria com maior comodidade.

Eram aproximadamente oito horas, ainda havia luz. Na paisagem longínqua apareceu um lago de águas cinzentas, e de suas margens subiam pinheirais negros pelas encostas das montanhas adjacentes, que rareavam mais acima, acabando-se aos poucos e dando lugar à rocha calva, envolta em brumas. O trem parou numa estaçõzinha; era Davos-Dorf,

o vilarejo de Davos, segundo Hans Castorp ouviu gritar. Dentro em pouco chegaria a seu destino. De repente, porém, ressoou a seu lado uma voz displicente de Hamburgo, a voz de seu primo Joachim Ziemssen, que dizia:

— Ei, você! Boa tarde! Anda, desça logo. — Ao olhar pela janela, viu na plataforma Joachim em pessoa, trajando um sobretudo de Ulster marrom, sem chapéu, e de aspecto tão sadio como nunca lhe vira. Joachim riu-se e repetiu: — Vamos, saia logo, não faça cerimônia.

— Mas se ainda nem cheguei! — exclamou Hans Castorp estupefato, permanecendo sentado.

— Não, você já chegou, sim. Estamos no vilarejo. Daqui, o sanatório fica bem mais perto. Vim com um carro. Passe-me a bagagem.

Rindo, um tanto confuso pelo imprevisto da chegada e do encontro com o primo, Hans Castorp entregou-lhe a maleta e o casaco de inverno, o cobertor enrolado em volta da bengala e do guarda-chuva, e finalmente o *Ocean Steamships*. A seguir percorreu o estreito corredor do vagão e saltou para a plataforma, a fim de trocar com o primo saudações pessoais, que entretanto se deram sem exuberância, como convém a pessoas de modos frios e reservados. Parece estranho, mas desde cedo ambos haviam evitado chamar-se pelos prenomes, exclusivamente porque temiam uma cordialidade excessiva. Como, porém, não ficava bem tratarem-se pelo nome de família, limitavam-se ao você, e esse hábito se arraigara em ambos.

Um homem de libré e boné agalado observou como ambos — o jovem Ziemssen em atitude militar — apertavam-se as mãos depressa e com algum acanhamento; então se aproximou para pedir o comprovante de bagagem de Hans Castorp. Era o porteiro do Sanatório Internacional “Berghof”. Prontificou-se a buscar a mala grande do hóspede na estação seguinte, Davos-Platz, a praça da cidade, enquanto os dois senhores por favor se dirigissem com o carro diretamente ao sanatório, para jantar. O homem coxeava fortemente, de modo que a primeira pergunta que Hans Castorp fez a Joachim Ziemssen foi esta:

— É um veterano de guerra? Por que coxeia assim?

— Essa foi boa! — retrucou Joachim com certo amargor. — Veterano de guerra! O homem tem o mal no joelho; ou teve, ao menos. Por isso lhe extraíram a rótula.

Hans Castorp procurou pensar o mais rápido que pôde.

— Ah, foi isso! — disse. Enquanto prosseguia no caminho, ergueu a cabeça e lançou um rápido olhar para trás. — Mas você não me fará

acreditar que ainda sofre daquela coisa. Até parece que já usa galões e acaba de voltar das manobras. — E olhou o primo de soslaio.

Joachim era mais alto e mais espadaúdo que ele, um modelo de força juvenil e como que talhado para a farda. Representava aquele tipo bem trigueiro que sua loura pátria não raro produz. Sua tez, bastante morena já por natureza, estava tostada pelo sol e adquirira uma cor quase brônzea. Com os grandes olhos negros e o bigodinho escuro sobre os lábios cheios, bem-conformados, seria positivamente belo, não fossem as orelhas muito despegadas. Essas orelhas haviam sido seu único desgosto, a grande dor da sua vida — até certo momento. Agora tinha outras preocupações. Hans Castorp continuou:

— Você vai regressar comigo, não é? Não vejo impedimento algum.

— Regressar com você? — perguntou o primo, fitando-o com os olhos grandes que haviam sido sempre suaves, mas durante esses cinco meses assumiram expressão um tanto cansada, quase melancólica. — Com você, quando?

— Ora, daqui a três semanas.

— Compreendo, você já pensa em regressar — respondeu Joachim. — Espere um pouco; mal acaba de chegar. Três semanas representam quase nada para nós aqui em cima, mas para você que vem de visita e tenciona demorar-se só três semanas é uma porção de tempo. Trate de se aclimatar primeiro. Não tardará a notar que não é assim tão fácil. E o clima não é a única coisa estranha que existe aqui. Você encontrará muita coisa nova, sabe? Comigo não será tão depressa como você imagina. “Regressar daqui a três semanas” é uma ideia lá de baixo. Tenho a pele tostada, sim senhor, mas isso vem principalmente do sol refletido pela neve e não significa grande coisa, como Behrens sempre afirma. No último exame geral, ele disse ter quase certeza de que eu teria de ficar ainda uns seis meses.

— Seis meses? Está louco? — gritou Hans Castorp. Eles se instalaram no cabriolé amarelo que os esperava numa praça pedregosa, diante da estação, que não passava de uma espécie de telheiro. Enquanto os dois baios se punham em movimento, Hans Castorp remexeu-se, cheio de indignação, no assento mal-estofado. — Meio ano? Mas já faz quase meio ano que você está aqui. Não se tem tanto tempo assim...

— Pois é, o tempo... — disse Joachim, olhando para a frente e meneando a cabeça repetidas vezes, sem se preocupar com o sincero agastamento do primo. — Aqui não fazem muita cerimônia com o tempo da gente. Você não tem ideia. Três semanas são para eles como um dia,

vai ver. Tudo isso se aprende — ele disse. E acrescentou: — Aqui todas as concepções se transformam.

Hans Castorp não cessava de contemplar-lhe o perfil.

— Mas você se restabeleceu maravilhosamente — disse, meneando a cabeça.

— Acha? — respondeu Joachim. — Não é mesmo? Também o creio — continuou, encostando-se no espaldar, para logo voltar à posição anterior. — Vou melhor, sim — explicou —, mas ainda não estou bem. À esquerda, em cima, onde antes se ouviam estalidos, nota-se agora apenas uma respiração um pouco rude, que não inspira cuidados. Mas aqui, mais para baixo, percebe-se um ronco *muito* forte, e no segundo espaço intercostal há também ruídos.

— Que grande cientista você se tornou! — disse Hans Castorp.

— Pois é. Deus sabe que é uma triste ciência. Quem me dera já tê-la esquecido ao estar em serviço — replicou Joachim. — Mas ainda produz esputo — acrescentou, dando de ombros, com um gesto ao mesmo tempo resignado e veemente que não lhe ficava bem. A seguir tirou do bolso interno do sobretudo um objeto que mostrou ao primo, até a metade, para logo guardá-lo novamente; era um frasco chato, bojudo, de vidro azul, com um fecho de metal. — A maioria de nós, aqui em cima, usa isto. Batizaram-no com um nome especial, um apelido bem engraçado, até. Está olhando a paisagem?

Era o que Hans Castorp fazia. Deu sua opinião:

— Magnífica.

— Você acha? — perguntou Joachim.

Haviam seguido na direção do eixo do vale, por um caminho ladeado de habitações, cá e lá, e paralelo ao leito da via férrea. Depois, dobrando à esquerda, haviam cruzado os trilhos de bitola estreita e atravessado um curso d'água. Agora subiam a trote um atalho pouco íngreme, rumo a uma encosta coberta de bosques. Ali, numa meseta um tanto proeminente, de pouca altura, destacava-se um edifício comprido, encimado por uma torre em cúpula, com a fachada dirigida para sudeste. Numerosas varandas davam-lhe de longe um aspecto esburacado, poroso como uma esponja. As primeiras luzes acabavam de ser acesas, enquanto o crepúsculo avançava rapidamente. Já se esvaíra um suave arrebol, que durante algum tempo animara o céu toldado. Reinava na natureza aquele estado de transição, descolorido, melancólico, desprovido de vida, que precede imediatamente o anoitecer definitivo. O vale povoado, extenso e levemente sinuoso, iluminava-se em toda parte, tanto no fundo como nas bordas

— sobretudo na direita, que formava uma saliência, com os terraços da encosta salpicados de construções. À esquerda, algumas veredas subiam através dos prados, para se perderem na baça negrura dos pinheirais. Os bastidores mais distantes das montanhas, próximos da saída do vale, que ali se estreitava, exibiam-se num frio azul de ardósia. Com o vento que acabava de se levantar, o frescor da noite começava a fazer sentir-se.

— Não! Para falar com franqueza, não acho a paisagem tão formidável assim — disse Hans Castorp. — Onde estão as geleiras, os picos brancos e as cordilheiras gigantescas? Não me parece que essas montanhas sejam muito altas.

— Pelo contrário, são bem altas, sim — retrucou Joachim. — Você nota quase em toda parte o limite da presença das árvores. Ele se delinha com absoluta nitidez. Terminam os pinheiros, e com isso acaba-se toda a vegetação. Como você vê, é pura rocha. Por ali, à direita desse pico, que é o Schwarzhorn, aparece até uma geleira. Está vendo a área azulada? Não é lá muito grande, mas é uma geleira como deve ser, a Scaleta. O Piz Michel e o Tinzenhorn, naquela abertura (não se pode vê-los daqui), também ficam cobertos de neve durante o ano inteiro.

— De neve eterna — disse Hans Castorp.

— Pois é, neve eterna, se assim quiser. Não se pode negar que tudo isso é bastante alto. E não esqueça que nós mesmos nos achamos a uma altura espantosa. Mil e seiscentos metros acima do nível do mar. Por isso as elevações não se destacam tanto.

— Sim senhor, que escalada até aqui! Passei muito medo, nem lhe conto! Mil e seiscentos metros! São mais ou menos cinco mil pés, se calculo bem. Nunca na vida estive tão alto. — E cheio de curiosidade, Hans Castorp aspirou profundamente aquele ar estranho, como que para prová-lo. Era fresco, e nada mais. Carecia de aroma, de sabor, de umidade. Tragava-se com facilidade e nada dizia à alma.

— Ótimo! — exclamou Hans Castorp por educação.

— Sim, esse ar tem grande fama. De resto, a paisagem não se apresenta, esta noite, sob seu aspecto mais favorável. Às vezes está muito mais bonita, sobretudo com neve. Mas a gente acaba por se cansar dela. Nós todos, aqui em cima, pode acreditar, estamos fartos, indizivelmente fartos dela — disse Joachim, e sua boca torceu-se numa expressão de nojo que parecia exagerada e incontrolada, e que mais uma vez não lhe ficava bem.

— Você tem um jeito tão esquisito de falar! — disse Hans Castorp.

— Esquisito? — perguntou Joachim com certa apreensão, voltando-se para o primo.

— Não, não! Desculpe! Tive essa impressão só por um momento — apressou-se Hans Castorp a dizer. Ele se referira à expressão “Nós, aqui em cima”, que Joachim já empregara umas quatro ou cinco vezes, e que de certa forma lhe causava impressão deprimente e estranha.

— Como vê, nosso sanatório está ainda mais alto que a aldeia — continuou Joachim. — Cinquenta metros. O prospecto diz “cem”, mas são apenas cinquenta. O sanatório que fica mais alto é o Schatzalp, lá do outro lado. Não se vê daqui. No inverno, eles têm de transportar os cadáveres em trenós, porque os caminhos se tornam impraticáveis...

— Os cadáveres? Ah, sim!... Veja só! — exclamou Hans Castorp, e de repente reventou em riso, um riso violento, irreprimível, que lhe sacudiu o peito e fez que o rosto enrijecido pelo vento frio se contraísse num trejeito dolorido. — Em trenós? E você me conta essas coisas assim, sem mais nem menos? Parece que se tornou muito cínico nesses cinco meses.

— Cínico nada! — replicou Joachim, dando de ombros. — Como assim? Afinal, os cadáveres pouco se importam... De resto, pode ser que a gente chegue mesmo a ficar cínico, neste nosso meio. O próprio Behrens também é um cínico às antigas; um sujeito de classe, diga-se de passagem; na universidade pertencia a uma corporação das mais finas; e dizem que é ótimo cirurgião. Você vai gostar dele. E ainda há o Krokowski, seu assistente — um tipo muito capaz. No prospecto fala-se especialmente da sua atividade: a dissecação psíquica dos pacientes.

— O quê? Dissecação psíquica? Que coisa nojenta! — gritou Hans Castorp, e com isso, a hilaridade tomou conta dele. Já não conseguia dominá-la. Depois de tudo quanto ouvira, a dissecação psíquica lhe encheu as medidas. Riu-se tanto que as lágrimas lhe brotavam entre a mão com que, inclinando-se para a frente, cobria os olhos. Também Joachim riu de todo coração, o que parecia fazer-lhe bem. Assim, o desembarque dos dois jovens deu-se com alegria e descontração, ao deixarem o carro que lentamente os trouxera por uma rampa íngreme e serpeante até o portal do Sanatório Internacional Berghof.

Nº 34

Logo à direita, entre o portão e o guarda-vento, achava-se a guarita do porteiro; de lá, onde estivera lendo jornais sentado em frente ao telefone, veio ao encontro dos recém-chegados um criado de tipo francês,

vestido com libré cinzenta igual à do homem coxo da estação, e conduziu-os através do vestíbulo bem-iluminado, onde à esquerda ficavam os salões. Ao passar, Hans Castorp lançou um olhar para dentro, notou que estavam vazios e perguntou onde é que estavam os hóspedes.

— Cumprindo o repouso — respondeu o primo. — Fui dispensado porque queria receber você. Normalmente também me deito na sacada, depois do jantar.

Pouco faltou para que Hans Castorp voltasse a estourar em risos.

— Como? Em plena escuridão, vocês ainda se deitam na sacada? — indagou com voz vacilante...

— Sim, faz parte do regulamento. Das oito às dez. Mas venha agora ver seu quarto e lavar as mãos.

Entraram no elevador, cujo mecanismo elétrico foi posto em ação pelo criado francês. Enquanto subiam, Hans Castorp enxugou os olhos.

— Estou todo moído e exausto de tanto rir — disse, respirando pela boca. — Você me contou mil coisas estranhas... Aquela história da dissecação psíquica é o cúmulo; por essa eu não esperava. Aliás, estou um pouco cansado por causa da viagem. Você também sofre com o frio nos pés? Ao mesmo tempo sinto que me arde o rosto, é bem desagradável. A gente jantará logo, não é? Tenho a impressão de que já estou com fome. A comida de vocês, aqui em cima, é boa?

Caminhavam sem ruído sobre a passadeira de fibra de coqueiro que cobria o corredor estreito. Globos de vidro fosco difundiam uma luz pálida. As paredes, parecendo envernizadas, reluziam duras, revestidas de tinta a óleo branca. Surgiu então uma enfermeira de touca branca, trazendo no nariz um pince-nez, cujo cordão ela colocara por trás da orelha. Estava claro que era protestante, uma irmã sem vocação muito firme, curiosa e irritada de tanto tédio que pesava sobre ela. Em dois pontos do corredor, em frente das portas brancas envernizadas e numeradas, viam-se no chão uns recipientes grandes, bojudos e de gargalo curto, sobre cuja finalidade Hans Castorp se esqueceu de pedir explicações.

— Aqui está o seu quarto — disse Joachim. — Número trinta e quatro. À direita fica o meu, e à esquerda mora um casal russo; gente um pouco relaxada e barulhenta, diga-se de passagem, mas não houve jeito de evitar isso. Bem! Que tal lhe parece?

A porta era dupla, de folhas superpostas, e no vão entre elas havia cabides. Joachim acendera a lâmpada do teto, e sob a luz trêmula o quarto se apresentou alegre e tranquilo, com móveis brancos e práticos, os papéis de parede igualmente brancos, resistentes e laváveis, o

linóleo limpo, cobrindo o soalho, e as cortinas de linho, bordadas de maneira simples e graciosa, conforme o gosto moderno. A porta da sacada estava aberta; viam-se as luzes do vale e ouvia-se ao longe uma música de baile. O bom Joaquim colocara algumas flores num pequeno vaso sobre a cômoda — a época de segunda florada oferecia aquilégias e umas poucas campânulas, que ele mesmo colhera na encosta.

— Muito amável da sua parte — disse Hans Castorp. — Que quarto simpático! Num lugar destes dá prazer passar algumas semanas.

— Anteontem morreu aqui uma americana — disse Joachim. — Behrens achou logo que a coisa se acabaria antes da sua chegada, e que então você poderia ficar com o quarto. O noivo estava ao lado dela. Embora fosse oficial da marinha inglesa, não se pode dizer que manteve a compostura. A cada instante saía ao corredor para chorar como um menino. Depois esfregava as faces com *cold cream*, porque estava escanhado e as lágrimas lhe ardiam na pele. Na noite de anteontem a americana teve duas hemoptises de primeira, e com isso, fim de papo. Mas ela já se foi ontem de manhã, e é claro que então desinfetaram tudo para valer. Com formalina, sabe? Dizem que é excelente nesses casos.

Hans Castorp ouviu a história sob uma distração nervosa. De mangas arregaçadas, à frente da pia ampla cujas torneiras niqueladas cintilavam à luz elétrica, ele mal lançou um olhar fugidio para a cama arrumada, de metal branco, roupa limpa.

— Desinfetaram, então está ótimo — disse ele, com certa loquacidade e sem muito propósito, enquanto lavava e enxugava as mãos. — Pois é, aldeído metílico; não há micróbio que resista a isso. H_2CO , sim senhor! Mas tem um cheiro picante, não é? Naturalmente, a mais rigorosa limpeza é indispensável... — Sua pronúncia era mais acentuadamente hamburguesa que a do primo, que desde os tempos de estudante perdera os vestígios do dialeto de sua terra. Hans Castorp continuou conversando com grande desembaraço: — Ainda queria dizer... Ah, sim. Acho provável que o oficial da marinha se afeitasse com aparelho de barbear; esses troços esfolam mais a pele que uma navalha bem afiada. Esta, pelo menos, é minha experiência, e por isso alterno o uso de uma coisa e outra... Ora, é lógico que a água salgada dói na pele irritada. E no serviço militar, quem sabe se o homem não se acostumou ao uso do *cold cream*; nisso não vejo surpresa alguma... — E prosseguindo, acrescentou que tinha na maleta duzentos Maria Mancini, seu charuto preferido; a inspeção alfandegária fora muito condescendente; e a seguir transmitiu as saudações de diversas pessoas de sua cidade

natal. — Será que não aquecem os quartos? — exclamou de repente, e correu aos radiadores, a fim de apalpá-los.

— Não, eles costumam manter-nos a uma temperatura fresca — respondeu Joachim. — É preciso um frio muito mais intenso, só lá por agosto, para que acendam a calefação central.

— Agosto, qual agosto! — disse Hans Castorp. — Estou é com frio! Um frio horroroso, ao menos no corpo, pois o rosto me arde! Olhe, experimente, estou com o rosto em brasa.

Essa ideia de que alguém lhe tocasse o rosto não condizia em absoluto com o modo de ser de Hans Castorp, e a ele mesmo causou impressão penosa. Joachim fez que não era com ele e limitou-se a dizer:

— É do ar. Não quer dizer nada. O próprio Behrens anda o dia inteiro com as faces azuladas. Há pessoas que nunca se habituam. E agora *go on*, senão não teremos mais o que comer.

Quando saíram, a enfermeira voltou a aparecer para examiná-los com olhares míopes e curiosos. No primeiro andar, Hans Castorp de-teve-se de repente, imobilizado por um ruído simplesmente atroz, que se ouvia a pouca distância, por trás de uma volta do corredor; um ruído não muito forte, mas de som tão lúgubre que o jovem fez uma careta e mirou o primo com os olhos arregalados. Era tosse, sem dúvida, a tosse de um homem; mas uma tosse em nada parecida com qualquer outra que Hans Castorp jamais ouvira; sim, uma tosse em comparação com a qual todas as demais pareciam sinais de magnífica e sadia vitalidade — uma tosse inteiramente despida de prazer e alívio, que não se dava em acessos regulares, mas soava como se alguém chafurdasse de maneira débil e horripilante no lamaçal da podridão orgânica.

— Pois é — disse Joachim. — Este é um caso sério. Um aristocrata austríaco, homem elegante, como que feito para andar a cavalo. E agora vai desse jeito. Mas por enquanto ainda passeia.

Ao seguirem o caminho, Hans Castorp discorreu com pormenores sobre a tosse do cavaleiro.

— Leve em conta — disse ele — que nunca ouvi coisa semelhante, algo totalmente novo para mim, é natural que eu me impressione. Há muitas espécies de tosse, tosses secas e tosses soltas. Diz-se que geralmente as soltas são mais benignas que as que fazem a gente ladrar. Em minha juventude — ele disse mesmo “em minha juventude” —, quando tive o crupe, ladrava como um lobo, e todo mundo sentiu-se aliviado quando a tosse ficou mais solta, lembro-me bem. Mas uma tosse como esta nunca se viu, pelo menos eu não tinha ideia de que existisse uma

coisa dessas. Já não é uma tosse viva. Não é seca, mas também não se pode chamar de solta. Não encontro, nem de longe, a palavra adequada. É como se se descortinasse o interior do homem, fosse possível olhá-lo lá dentro, e tudo não passasse de lodo e pântano...

— Ora veja — disse Joachim —, ouço essas coisas todos os dias. Para mim, pode dispensar a descrição.

Mas Hans Castorp não conseguiu dominar-se. Afirmou repetidas vezes que para ele era como se tivesse lançado um olhar no interior do aristocrata. Quando entraram no restaurante, seus olhos fatigados da viagem mostravam um brilho exaltado.

NO RESTAURANTE

A sala do restaurante estava clara, o ambiente era elegante e confortável. Ficava logo à direita do vestíbulo, à frente dos salões, e, conforme explicou Joachim, era frequentado principalmente por hóspedes recém-chegados, que precisavam comer fora de hora, ou por quem tinha visitas. Mas também aniversários e partidas iminentes eram festejados ali, assim como os resultados favoráveis de exames gerais. Em certas ocasiões, o ambiente no restaurante era de franca alegria, disse Joachim, e até se servia champanhe. Mas neste momento só havia ali uma senhora de aproximadamente trinta anos, que lia um livro e ao mesmo tempo cantarolava baixinho, tamborilando na toalha com o dedo médio da mão esquerda. Quando os dois jovens se sentaram, mudou de lugar, a fim de dar-lhes as costas.

— É misantropa — explicou Joachim, abafando a voz —, come sempre lendo um livro no restaurante. Afirmava-se que muito jovem ingressara em sanatórios para doenças pulmonares e nunca mais convivera com o mundo de fora.

— Ora, comparado com ela, você é apenas um principiante, com seus cinco meses, e ainda o será quando tiver um ano nas costas — disse Hans Castorp ao primo. Joachim tomou o cardápio, dando de ombros, com um gesto que antes não lhe era peculiar.

Haviam escolhido a mesa mais próxima da janela, e que ficava elevada sobre um estrado. Era o lugar mais agradável da sala. Achavam-se sentados junto à cortina creme, frente a frente, com os rostos abrasados pela luz da pequena lâmpada de mesa, de quebra-luz vermelho. Hans Castorp juntou as mãos recém-lavadas e esfregou-as uma na outra com

uma sensação de conforto e expectativa, como era seu hábito ao sentar-se à mesa, talvez porque seus antepassados costumassem rezar antes de tomar a sopa. Serviu-os uma criada amável, de fala gutural, com vestido preto e avental branco, rosto largo de cores muito sadias, e para seu divertimento Hans Castorp aprendeu que ali, em alemão suíço, as criadas eram chamadas *Saaltöchter*, “filhas de salão”, literalmente. Pediram a ela uma garrafa de Gruaud Larose, que Hans Castorp devolveu porque estava fria demais: que retornasse em breve. A comida estava excelente. Serviram-se sopa de aspargos, tomates recheados, um assado com vários legumes e verduras, uma sobremesa de preparo excepcional, queijos diversos e frutas. Hans Castorp comeu muito, se bem que seu apetite se evidenciasse menos intenso que lhe parecera. Era uma espécie de consideração por si próprio que o fazia comer fartamente, mesmo sem fome.

Joachim não fez muita honra aos quitutes. Estava cansado daquela cozinha, foi o que disse, e isso se daria com todos aqui em cima; era costume resmungar contra a comida, pois quem se acha amarrado neste lugar por toda uma eternidade... Em compensação, bebeu o vinho com prazer e certa entrega, e com o cuidado de evitar qualquer frase por demais sentimental manifestou repetidas vezes sua satisfação por ter com quem trocar palavras sensatas.

— Sim, senhor, você veio mesmo a calhar! — disse ele, e sua voz pausada revelava emoção. — Para mim sua chegada é um acontecimento e tanto. Ao menos acontece algo diferente... Quero dizer, representa um marco, uma ruptura dessa monotonia eterna e infinita...

— Mas o tempo deve passar depressa para vocês aqui — opinou Hans Castorp.

— Depressa ou devagar, como queira — respondeu Joachim. — Ele não passa é de modo algum, sabe? Aqui não há tempo nem vida; não há é coisa alguma — acrescentou meneando a cabeça. E novamente levantou a taça.

Também Hans Castorp voltou a beber, embora o rosto lhe ardesse como fogo. Mas o seu corpo continuava frio, e nos seus membros havia um desassossego todo especial, ao mesmo tempo eufórico e um tanto penoso. Suas palavras precipitavam-se; era frequente confundir-se, mas com um gesto displicente da mão passava por cima de tais incidentes. O próprio Joachim tornara-se mais animado também, e a conversa prosseguiu ainda mais desembaraçada e alegre quando a senhora da mesa vizinha, cessando subitamente de cantarolar e tamborilar, levantou-se e saiu. Gesticulavam com os garfos enquanto comiam;

davam-se ares de importância, com as bochechas túmidas de comida; riam-se, sacudiam a cabeça, encolhiam os ombros, e ainda com a boca cheia voltavam a palestrar. Joachim queria saber o que se passava em Hamburgo, e levou a conversa para o projeto da canalização do Elba.

— Fenomenal! — disse Hans Castorp. — Formidável para o desenvolvimento da nossa navegação, e de uma importância incalculável. No orçamento, destinamos a essa obra cinquenta milhões para as despesas imediatas, e sabemos o que estamos fazendo, você pode estar certo.

Apesar da importância que atribuía à canalização do Elba, logo abandonou o assunto, para pedir que Joachim lhe contasse mais pormenores da vida “aqui em cima” e dos hóspedes. Este lhe fez a vontade com grande prazer, já que se sentia feliz por ter uma oportunidade de desafogar-se e abrir-se. Teve que repetir a história dos cadáveres transportados pela pista de trenó e assegurar que se tratava da mais pura verdade. Como Hans Castorp mais uma vez desatasse a rir, o primo riu-se também, parecendo deleitar-se com aquilo de todo coração; e logo emendou outras coisas divertidas, a fim de manter vivo o bom humor que havia. Falou de uma senhora que partilhava a mesa com ele, uma tal sra. Stöhr, mulher bastante doente, aliás, casada com um músico de Cannstatt, e que era a criatura mais inculta que já encontrara. Ela dizia “desinsfectar”, mas a sério. E ao assistente Krokowski intitulava de “fórmula”. Era preciso ouvir tudo isso e ainda dar jeito de conter o riso. E, como se não bastasse, era mexeriqueira, como de resto a maioria dos hóspedes ali em cima, e costumava contar que uma companheira, a sra. Iltis, trazia consigo um “esterilete”.

— Imagine, ela diz “esterilete”! Essa é impagável...

E quase deitados, recostados no espaldar das cadeiras, ambos riram-se tanto que o corpo lhes estremeceu e ficaram com soluços quase ao mesmo tempo.

De quando em quando, Joachim se entristecia ao pensar no seu infortúnio.

— Pois é, aqui estamos e nos divertimos — disse com uma expressão dolorosa, ainda interrompido algumas vezes pelas trepidações de seu diafragma —, e no entanto não posso prever, nem de longe, quando poderei sair daqui. Pois, quando o Behrens me diz: “Mais meio ano”, sei que preciso preparar-me para um prazo maior. É bem duro isso. Você pode avaliar como é triste para mim. Já me haviam aceitado no Exército e, no mês que vem, eu poderia fazer exames para oficial. Agora vivo aqui vadiando com o termômetro na boca, conto os

deslizes dessa ignorantona da sra. Stöhr e perco meu tempo. Um ano tem tanta importância na nossa idade, traz tantas alterações e tantos progressos na vida lá de baixo! E eu obrigado a estagnar aqui como uma poça d'água, sim senhor, como um charco apodrecido. Não há exagero nessa comparação...

Em vez de responder, Hans Castorp limitou-se a perguntar se havia jeito de se obter porter nesse sanatório. O primo olhou-o com certa surpresa e viu que ele estava a ponto de adormecer, até já estava cochilando.

— Mas você está é com sono! — disse Joachim. — Vamos, é hora de ir para a cama, nós dois.

— Não, não é hora, não — disse Hans Castorp com a língua trôpega. Mesmo assim seguiu Joachim, caminhando um pouco curvado, com as pernas rijas, como quem está literalmente caindo de cansaço. Fez, porém, um violento esforço para se recompor quando, no vestibulo pouco iluminado, ouviu o primo dizer:

— Está aqui o Krokowski. Tenho que apresentar você.

O dr. Krokowski estava sentado em uma área iluminada, ante a lareira de uma das salas de convivência, ao lado da porta corrediça escancarada, e lia o jornal. Pôs-se de pé, quando os dois jovens se aproximaram dele, e Joachim, em atitude militar, disse:

— Permita-me, doutor, que lhe apresente meu primo Castorp, de Hamburgo. Ele acaba de chegar.

O dr. Krokowski saudou o novo pensionista com certa cordialidade jovial, robusta e reconfortante, como se quisesse dar a entender que no contato com ele não havia lugar para acanhamento, mas somente confiança e despreocupação. Tinha cerca de trinta e cinco anos; era espaduado, obeso e muito mais baixo do que os dois, de maneira que, para encará-los, viu-se obrigado a deitar a cabeça para trás. Além disso era extremamente pálido, de uma palidez translúcida e mesmo fosforescente, que se intensificava ainda mais pelo fulgor sombrio dos olhos, pela negrura das sobranceiras e da barba comprida, que terminava em duas pontas e já mostrava alguns fios brancos. Trajava uma fatiota preta, um tanto surrada, e calçados pretos, abertos como sandálias, meias grossas de lã cinzenta e um colarinho macio e amplo, como Hans Castorp só vira até então num fotógrafo de Dantzig, e o qual conferia ao dr. Krokowski a aura de quem estivesse mesmo em um ateliê. Com um sorriso afetuoso, que fez com que os dentes amarelos apontassem por entre a barba, apertou a mão do jovem e disse com voz arrastada de barítono e algum sotaque estrangeiro:

— Seja bem-vindo, sr. Castorp! Espero que o senhor se aclimate rapidamente e se sinta bem entre nós. Permita-me perguntar: veio como paciente?

Era comovente ver como Hans Castorp se esforçava por mostrar-se cortês e dominar a sonolência. Sentia-se irritado pelo fato de estar tão pouco apresentável, e, com a desconfiada soberba peculiar aos jovens, via no sorriso e na atitude confortante do médico apenas sinais de ironia indulgente. Respondeu que passaria três semanas ali, ao passo que mencionou também seu exame e acrescentou que, graças a Deus, gozava da mais perfeita saúde.

— Será? — perguntou o dr. Krokowski, avançando a cabeça obliquamente, como para caçoar, enquanto seu sorriso se acentuava. — Nesse caso o senhor é um fenômeno digno de ser estudado. Eu, pelo menos, ainda não encontrei um homem sequer em perfeita saúde. Posso perguntar que exame o senhor prestou?

— Sou engenheiro, doutor — comunicou Hans Castorp com dignidade e modéstia.

— Ah, engenheiro! — E o sorriso do dr. Krokowski como que se retraiu, chegou por um momento a perder a força e a cordialidade. — Uma profissão excelente! De maneira que o senhor não pretende receber aqui qualquer assistência médica, nem de ordem física nem psíquica?

— Não, muito obrigado! — disse Hans Castorp, a ponto de dar um passo para trás.

O sorriso do dr. Krokowski reapareceu vitorioso. E, enquanto tornava a apertar a mão do jovem, ele exclamou em voz alta:

— Pois então, sr. Castorp, durma bem, na plena convicção de sua saúde inatacável! Durma bem, e até amanhã! — Com essas palavras, despediu-se dos jovens e voltou a seu jornal.

Não havendo mais ascensorista àquela hora, subiram a pé pela escada, silenciosos e um tanto perturbados pelo encontro com o dr. Krokowski. Joachim acompanhou Hans Castorp até o número trinta e quatro, onde o criado coxo já depositara a bagagem do recém-chegado. Continuaram a conversar durante um quarto de hora, enquanto Hans Castorp tirava da mala o pijama e os objetos de toucador, fumando um charuto grosso, de sabor leve. Não tivera hoje a oportunidade de fumar um charuto, o que lhe pareceu estranho e extraordinário.

— Ele dá a impressão de ter muita personalidade — disse Castorp, e ao falar expeliu a fumaça que acabara de aspirar. — E é pálido como

cera. Agora, o calçado que usa, que coisa horrorosa! Imagine só: meias de lã cinzenta e ainda aquelas sandálias! Você acha que no fim ele se ofendeu?

— Ele é um pouco suscetível — admitiu Joachim. — Você não deveria ter rejeitado tão bruscamente a assistência médica, pelo menos o tratamento psíquico. Ele não gosta que alguém se esquive a isso. Antipatiza comigo também, porque não me abro o bastante. Mas, de vez em quando, conto-lhe um sonho, para que tenha alguma coisa que analisar.

— Ah, então feri-lhe o orgulho — disse Hans Castorp, aborrecido; pois ficava bem pouco satisfeito consigo mesmo ao melindrar alguém, e com isso o cansaço acometeu-o com força redobrada.

— Boa noite — disse. — Estou caindo de sono.

— Às oito virei buscar você para o café da manhã — prometeu Joachim ao sair.

Hans Castorp mal se aseou antes de deitar-se. Sucumbiu ao sono tão logo apagou a lâmpada de cabeceira, mas teve um sobressalto ao lembrar que na antevéspera alguém morrera naquela mesma cama.

— Sem dúvida não foi a primeira vez — disse para si, como se isso pudesse tranquilizá-lo. — Afinal de contas, é um leito de morte, um simples leito de morte. — E adormeceu.

Logo, porém, começou a sonhar, e sonhou quase sem interrupção até a manhã do dia seguinte. Em especial viu Joachim Ziemssen em posição estranhamente desengonçada, a descer num trenó por uma pista oblíqua. Era de um palor tão fosforescente quanto o do dr. Krokowski, e à sua frente achava-se sentado o aristocrata austríaco, cuja imagem era um tanto vaga, como a de alguém que apenas se ouvira tossir. “Isso pouco nos importa, a nós, aqui em cima”, disse o desengonçado Joachim, e logo era ele, e não o aristocrata, quem tossia daquela maneira horripilante e lamacenta. Ao ouvi-lo, Hans Castorp verteu lágrimas amargas e verificou ser preciso correr à farmácia para comprar *cold cream*. Mas à beira do caminho estava sentada a sra. Iltis, de focinho pontiagudo, e tinha na mão algo que deveria ser o “esterilete”, mas não passava de um aparelho de barbear. Essa visão fez que Hans Castorp desatasse a rir, e assim foi sendo lançado entre emoções as mais diversas, até que a manhã, despontando pela porta semiaberta da sacada, o despertou.